

“Eu me sinto **maravilhosa** quando estou **grávida**”

Arquivo pessoal



Sandra reunida com a família na igreja: realização com os quatro filhos

Para a agente de vigilância ambiental Sandra Nascimento, 44 anos, ser mãe sempre foi um sonho. Quando pequena, colocava a almofada na barriga para fingir que estava grávida. O desejo se concretizou em cinco gestações e quatro filhos: João Neto, 18; Bento, 12; Mariah, 8; e Ravi, 8 meses. As experiências, apesar das dificuldades, foram muito positivas e saudáveis.

Na gestação de João Neto, aspirou por um parto normal, que, infelizmente, não foi possível. O bebê estava com quase 42 semanas de gestação, tempo limite, e, em exames, o médico constatou que sua posição não era adequada para o procedimento. Além disso, Sandra não teve contração — outro indício para a necessidade da cesárea. Foi o que ocorreu. Ainda assim, o primogênito nasceu sem oxigenação e a mãe não pôde vê-lo na hora.

Os primeiros meses foram difíceis, pois só teve a companhia do marido, sentindo-se sozinha e desorientada, por ser sua primeira experiência na maternidade. “Hoje, com meu conhecimento, acredito que tive um início de depressão pós-parto. Eu chorava muito e foi bastante difícil. Virei uma onça pelo meu filho e sequer permitia que chegassem perto demais”, conta. A amamentação também não foi fácil, acumulando inúmeras feridas nos seios, mas, com persistência, conseguiu continuar.

Já no segundo parto, Bento veio ao mundo após uma gravidez tranquila e uma cesárea sem complicações. Desde os 2 anos do primeiro bebê, Sandra já sonhava com outra gestação, então, apesar de não ser planejada, a criança foi bastante desejada. “Ele é o meu filho mais sensível, muito carinhoso e dedicado.” Diferentemente das duas primeiras vivências, o nascimento de Mariah foi idealizado, mas passou por algumas dificuldades. Primeiro, porque foi necessário tomar um medicamento para “segurar” a gravidez (o corpo lúteo não se formou), que a fazia muito mal. Segundo, pois não foi possível ter o parto normal e, novamente, passou por uma cesárea.

Na época, esse fato a decepcionou consideravelmente; sentiu-se incapaz, como se a cesárea não fosse tão louvável quanto um parto normal. Sem muita informação, a solidão tomou conta de Sandra, mesmo possuindo uma rede de apoio. “Você pode ter 10 filhos, mas a cada bebê que chega, há um novo desafio”, frisa. A agente de vigilância acredita que muitas mães passam por isso sem sequer conseguirem identificar, por isso,

recomenda que as pessoas mais próximas estejam atentas e ofereçam ajuda.

Com 42 anos, em 2020, teve o diagnóstico de menopausa precoce e descobriu problemas na tireoide. Em exames, quase não detectaram seus óvulos, daí a garantia do seu obstetra: não havia mais a possibilidade de ter filhos. Mas a tranquilidade durou pouco. Com quase sete meses sem menstruar, Sandra ovulou, algo praticamente impossível do ponto de vista médico, e a notícia foi surpreendente: estava grávida novamente.

Foi uma gestação difícil, por causa da idade, acredita. Sentiu fortes dores, teve inflamações, enjoos e desenvolveu anemia, problema nunca ocorrido antes. Apesar disso, Ravi nasceu grande e saudável. “Nós somos muito católicos e abertos à vida, então, mesmo com todos os diagnósticos, Deus resolveu me mandar esse presente. Se Ele quiser me mandar mais um neném, a gente aceita com o coração aberto e feliz”, sustenta.

Luto solitário

Em 2018, Sandra engravidou novamente e foi uma felicidade imensa. Ainda não tinha ido ao médico e com oito semanas veio o susto: na barriga, as cólicas intensas; na cama, o acúmulo

de sangue. Ao levantar, percebeu que se tratava de um aborto espontâneo. “Embaixo do chuveiro, meu corpo expeliu tudo e perdi meu bebê. Eu mesma o peguei com as minhas próprias mãos e o vi. Foi um momento profundamente triste para mim. Fiquei muito tempo de luto, como se em algum momento eu tivesse tido esse bebê nos meus braços”, recorda.

A agente de vigilância ambiental nunca se imaginou nessa situação. Para ela, não era algo natural e, por mais que pensassem que havia pouco tempo de gestação, aquele bebê já fazia parte dela e da família. Assim, sofreu um luto solitário, para evitar que as crianças e o marido também ficassem abalados. E era nos banhos que se permitia chorar pelo filho que não estava mais nela. Com o tempo, a dor se transformou em mais amor por suas crias.

Para ela, a maternidade é sinônimo de gratidão. Hoje, reconhece que, independentemente do parto que teve, não é menos mãe por isso. “Sou uma ‘mãezona’, uma onça, defendendo meus filhos com unhas e dentes; faço o possível e peço muita sabedoria para lidar com cada fase. Uma mãe sempre tenta acertar, mesmo quando erra”, conclui.

*** Estagiárias sob a supervisão de Sibeles Negromonte**